

REGIÃO METROPOLITANA

SALVADOR

salvador@grupatarde.com.br

MEIO AMBIENTE Baleia Jubarte é encontrada morta na praia da Boa Viagem

www.atarde.com.br

DIA MUNDIAL SEM CARRO Média de utilização das 510 vagas nas estações é de 30 pessoas/dia

Uso de vagas dos bicicletários do metrô ainda é pequeno na capital

Fotos: Raul Spinasse/ Ag. A TARDE



Aguinaldo não larga "Marilda" e tentou levá-la no metrô

Transalvador ainda não fechou os dados sobre acidentes

Cidade possui mais de 100 km de ciclovias e ciclofaixas

A Transalvador informa que a prefeitura implantou na capital 62,36 km de ciclorrotas, que, diferentemente das ciclovias, são sinalizações no asfalto para destacar o compartilhamento de veículos com bicicletas, mas por onde os ciclistas têm a prioridade para transitar.

O órgão informa, ainda, que a capital dispõe de 57,75 km de ciclovias, além de 32,30 km de ciclofaixas. Por parte do governo do estado, segundo a Transalvador, 47,80 km são destinados ao uso de bicicletas, entre ciclovias, ciclorrotas e ciclofaixas.

Para o piscineiro Laelson Santos, 24 anos, o problema é que a maioria esmagadora das rotas para ciclistas está localizada "nos melhores bairros". O jovem se desloca com frequência de Tancredo Neves para bairros considerados nobres para executar a manutenção de piscinas.

São cerca de 25 minutos de casa até o Itaigara, tempo inferior ao que gastaria se fosse de ônibus, sem contar a economia no transporte. "Eu ando de ônibus também, mas uso mais a bicicleta, por ser mais rápido e econômico", calcula o Shopaz, ao passar perto do Shopping da Bahia.

Feridos

A Transalvador ainda não fechou os dados referentes a acidentes com ciclistas em 2017, mas, segundo informações do órgão, no ano passado, foram 117 ocorrências com feridos e um morto. Em 2015, houve 116 registros com feridos, além de cinco mortes.

O instrutor de ciclismo Daniel Bagdeve, 42 anos, frisa que o crescente uso da bicicleta deve ser acompanhado de medidas básicas de segurança, a exemplo: acenar as direções para onde pretende seguir, utilizar um apito para chamar a atenção e, se possível, usar roupas com cores chamativas.

Ele avalia que, apesar de longe do ideal, a estrutura para ciclistas tem melhorado em Salvador. "Nos últimos três anos, o número de ciclistas mais que triplicou na cidade, que não acompanhou esse ritmo na mesma velocidade, mas está melhorando aos poucos", disse.

FRANCO ADAILTON

Cerca de 62% dos 192 mil passageiros diários do metrô são fruto da integração com as linhas de ônibus na capital. Entretanto, uma pequena parcela, os ciclistas, pouco têm utilizado o modal, já que a média de uso das 510 vagas nos cinco bicicletários em funcionamento é de 30 pessoas por dia.

Nos dias que antecederam o Dia Mundial sem Carro – celebrado hoje –, A TARDE ouviu dos ciclistas que, mais do que seguir até as estações de bicicleta e pegar o metrô, querem transportar os equipamentos nos vagões, como ocorre mundo afora, mas com regras bem definidas.

Estatísticas

Segundo informações da CCR Metrô Bahia, atualmente, somente bicicletas dobráveis são permitidas dentro dos trens. Até o final do ano, diz a nota da concessionária, há previsão de transporte das bikes no metrô, em dias

e horários restritos.

Por enquanto, os bicicletários para guardar os equipamentos estão em funcionamento somente na Linha 1, que percorre 12 km da Lapa a Pirajá, nas estações Acesso Norte (108 vagas), Retiro (108), Bonocô (108), Pirajá (108) e Bom Juá (78).

Para poder acessá-los, informa a CCR, os proprietários de bicicleta devem fazer um cadastro na estação do metrô, apresentar um documento com foto e levar comprovante de residência. Para usá-los, os ciclistas não precisam pagar nenhuma taxa extra, além da passagem do metrô.

Ao longo da avenida Paralela, 12 km dos 23 km da Linha 2 abrigam dez bicicletários prontos, mas ainda sem uso pelos ciclistas. Isso ocorre porque parte da ciclovia neste percurso ainda está sob fase final de execução, cuja conclusão das obras está prevista também para o fim do ano.

Ciclistas defendem direito de transportar as bicicletas nos vagões



Regivaldo: 40 minutos de São Marcos até a Pituba

Não há dados oficiais sobre a quantidade de ciclistas na capital baiana, mas a presença deles torna-se cada vez mais frequente, em meio a uma cidade com 953.019 veículos cadastrados no Departamento Estadual de Trânsito da Bahia (Detran-BA) até agosto passado.

Desafios

São pessoas que usam a bicicleta como hobby, esporte, para passeio, mas, sobretudo, como meio de transporte, a exemplo do porteiro Regivaldo Santos, 43 anos, que leva cerca de 40 minutos de São Marcos até o trabalho na Pituba, todos os dias. "Quando o trânsito está bom", frisa, é imediato.

O primeiro desafio enfrentado pelo trabalhador é sair ileso no trânsito das ruas apertadas do bairro popular, onde não há ciclofaixas, tampouco ciclovias. Depois, seguir com segurança pela avenida Paralela, a mais movimentada da capital, até chegar à rua Piauí,

na Pituba.

"Se pudesse seguir de bicicleta até a Estação Pituçu, depois, levá-la pelo metrô para a Rodoviária e completar o trajeto até a Pituba, seria ótimo, já que não dá para usar a ciclovia da Paralela, ainda", disse, ofegante, na altura do antigo Bahia Café Hall, na avenida Paralela.

Sobre "Marilda" (nome da bicicleta), o aposentado Agnaldo Meira, 68 anos, percorre toda a cidade, mas acessa a Paralela com frequência, já que é caminho de casa, em Nova Brasília. Há mais de 30 anos, ele não abre mão do transporte sustentável, segundo o qual é o "veículo do futuro".

"Eu nunca andei nesse metrô. No dia que inaugurou a Estação Pituçu, perguntei se podia levar a bicicleta, mas o funcionário disse que não", lembrou. "Claro que eu não ia deixar Marilda para trás. Então, segui meu caminho com ela pela pista mesmo", completou.

#TRANSFORMAÊ

Estudantes trocam experiências na Virada Educacional da Bahia

HENRIQUE ALMEIDA*

Integração, reconhecimento e identificação entre a escola e a comunidade, esses foram os maiores frutos da 2ª edição do #TransformaÊ – Virada Educacional da Bahia. Os cerca de 1.100 alunos do Colégio Estadual Elizabete Chaves Veloso, no Cabula VI, puderam assistir e participar de atividades de cultura, esporte, música e artes, além de desenvolver habilidades com origami, turbante, tranças e cordel. O evento correu em outras mil unidades escolares.

O professor de história Lu-ri Sacerdote acredita que a virada educacional traz o protagonismo do aluno. "Essa ação tira o aluno do dia a dia e promove a mistura entre professores, alunos e pais, além de funcionar como uma ferramenta de atração, diminuindo os índices de evasão", ressalta.

Diretora da escola, Vânia Fonseca destaca o conhecimento e a troca de experiências possibilitada pelo projeto. "O cunho interdisciplinar e cultural do evento, com participação efetiva dos alunos, promove momento de produção de conhecimento", explica. Alguns estudan-

tes preferiram apenas assistir às manifestações artísticas e esportivas. "Eu sou um pouco tímido, acho melhor apenas prestigiar", afirma o estudante Hebert Lucas, 16.

Já os alunos que participaram dos grupos de dança traziam histórias pessoais e cotidianas, como é o caso de Átila da Silva, 17, membro do grupo Break Dance, que se apresentou com o tema "Queremos Paz".

"Sempre gostei de dançar e de fazer coreografias, quando soube do grupo resolvi participar", afirmou. O secretário da Educação, Walter Pinheiro, esteve presente



Carol Garcia/ Gov-BA/ Divulgação

Oficinas de turbante valorizam a identidade afro-baiana

e explicou a ideia por trás do título do evento. "A primeira transformação é na secretaria, é preciso aproximar o governo e os ministérios das atividades desenvolvidas nas escolas", disse.

Oficinas como a de trança e turbante trouxeram valorização da identidade cultural baiana. "O uso do turbante e as tranças de cabelo são características da Bahia, resgatar essas políticas afirmativas é muito importante", esclarece a professora de geografia Leila Costa.

*SOB SUPERVISÃO DO JORNALISTA HILCÉLIA FALCÃO